

SUMÁRIO EXECUTIVO DO RELATÓRIO SEMESTRAL DE CONSULTORIA SETOR SUCROALCOOLEIRO

Safra, Mercados, Etanol, RenovaBio e Usinas – 2026/2027

Dezembro 2025 | Cogo Inteligência em Agronegócio

CANA-DE-AÇÚCAR – RECUPERAÇÃO PRODUTIVA EM 2026/2027

A safra brasileira de cana-de-açúcar 2026/2027, com início em 1º de abril de 2026, está estimada pela Consultoria em 684,0 milhões de toneladas, crescimento de 2,6% em relação ao ciclo anterior. Esse avanço decorre, principalmente, do aumento da produtividade média para 76,2 toneladas/hectare, impulsionado pelo rejuvenescimento dos canaviais, pela expansão da área colhida para 8,98 milhões de hectares e pela expectativa de chuvas mais regulares entre outubro e março. Apesar do cenário mais favorável, o desempenho final da safra seguirá fortemente condicionado às condições climáticas do verão, período crítico para consolidação do potencial produtivo.

AÇÚCAR – EXCESSO DE OFERTA GLOBAL E PREÇOS SOB PRESSÃO

O mercado global de açúcar entra em 2026 com ampla oferta, refletindo a forte recuperação produtiva de Brasil, Índia e Tailândia, que mais do que compensa a queda da produção na União Europeia. A produção global deve alcançar 189,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais crescem, especialmente na Índia e na China. No Brasil, a produção é estimada em 44,4 milhões de toneladas, mas o cenário de preços baixos – com os contratos futuros na ICE US oscilando entre 14,0 e 16,0 cents por libra-peso, menor nível em cinco anos – tem reduzido a atratividade do açúcar. As cotações acumulam queda de 23,1% em 12 meses e operam próximas ao custo de produção do Centro-Sul. Caso os preços deprimidos persistam, as usinas tendem a reduzir a destinação da cana para açúcar, ajustando o mix e limitando a oferta futura. Há sinais de formação de um piso técnico, com possibilidade de recuperação moderada em 2026, mas a volatilidade deve permanecer elevada no curto prazo.

ETANOL – DESAFIO DE SOBRA DE OFERTA EM 2026

O etanol entra em 2026 em posição mais favorável no curto prazo, com preços firmes sustentados por estoques reduzidos e pela elevação da mistura obrigatória de anidro na gasolina de 27% para 30%. O etanol hidratado FOB usinas de São Paulo está cotado em média a R\$ 2,71/litro, enquanto o anidro atinge R\$ 3,13/litro, ambos com altas superiores a 17% em 12

meses. No entanto, o horizonte da safra 2026/2027 traz riscos relevantes. A oferta total de etanol (cana + milho) pode crescer entre 10% e 12%, ritmo superior ao crescimento do consumo de combustíveis no Brasil, estimado em cerca de 2% ao ano, elevando o risco de sobra de produto e pressão sobre preços. O avanço acelerado do etanol de milho, que deve passar de 7,8 bilhões de litros em 2024 para 24,8 bilhões em 2035, intensifica a competição, sobretudo em um ambiente de petróleo mais barato, que enfraquece a paridade do etanol frente à gasolina. Nesse cenário, as margens das usinas de cana tendem a ficar mais comprimidas em 2026.



RENOVABIO – MERCADO EQUILIBRADO E CRESCIMENTO GRADUAL

A emissão de CBios deve alcançar 43 milhões em 2025 e 45,1 milhões em 2026, refletindo a recuperação gradual da demanda por etanol e a manutenção da mistura B15 no biodiesel. Apesar da redução da meta global de descarbonização em 2025 para 40,39 milhões de CBios, o mercado já contabiliza títulos suficientes para cobrir cerca de 105% da obrigação, considerando saldos acumulados e ajustes regulatórios. Para 2026, a meta preliminar aponta para 48,1 milhões de CBios, o que representaria crescimento potencial de 19%. O mercado caminha para um equilíbrio mais estrutural entre oferta e demanda, com menor volatilidade de preços e perspectiva de avanço mais consistente a partir de 2026, especialmente se a recuperação do consumo de etanol se confirmar.



USINAS – LIQUIDEZ CONFORTÁVEL, MAS CENÁRIO EXIGE CAUTELA

As usinas sucroenergéticas chegam à safra 2026/2027 em condição financeira significativamente mais sólida do que em crises passadas. O setor deve iniciar o ciclo com índice médio de liquidez de 2,7x, mais que o dobro do observado em 2015/2016, e alavancagem (Dívida Líquida/Ebitda) de 1,8x, 51% inferior à de dez anos atrás. A melhora em governança e gestão de riscos ampliou o acesso a crédito de longo prazo e ao mercado de capitais, cuja participação na dívida do setor cresceu de 13% em 2019 para 27% em 2025. Ainda assim, o endividamento bancário por tonelada atingiu R\$ 161/tonelada, refletindo queda nos preços do açúcar, custo financeiro mais elevado e investimentos em expansão. O setor entra agora em uma fase que exige maior seletividade e cautela nos novos investimentos, priorizando eficiência operacional, hedge de preços e preservação de margens em um ambiente de maior volatilidade e menor previsibilidade.